

**Assédio Moral na Universidade: Internalização, Esgotamento e Dívida
University Moral Harassment: Internalization, Exhaustion and Debt**

Nayara Ruben Calaça Di Menezes

Mestranda Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia, nayararuben@hotmail.com

Amanda Cristina Fonseca Palla

Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia, pallaamanda@gmail.com

Domenico Uhng Hur

Docente do curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Bolsita de Produtividade em Pesquisa (PQ-2) do CNPq. domenicohur@hotmail.com

Resumo

Os altos índices de evasão nas Universidades, decorrentes do abandono e/ou desistência dos estudantes, apresentam fortes relações com as práticas de assédio moral vivenciadas no ambiente acadêmico. O objetivo desta investigação é conhecer os discursos relacionados ao sofrimento vivenciado na Universidade em situações de assédio moral e seus efeitos na vida dos estudantes. Trata-se de uma pesquisa empírica que utilizou entrevistas com o dispositivo do grupo operativo. Foram realizados cinco encontros, semanalmente, com os estudantes em situação de assédio moral. Na análise dos dados foi possível identificar três categorias distintas de assédio moral: assédio vertical descendente, assédio horizontal e o assédio internalizado.

Palavras-chaves: Assédio moral; universidade; evasão; grupo operativo

Abstract

The high dropout rates in universities, due to the dropout and / or dropout of students, present strong relationships with the practices of moral harassment experienced in the academic environment. The aim of this investigation is to know the discourses related to the suffering experienced at the University in situations of moral harassment and its effects on students' lives. This is an empirical research that used interviews with the operative group device. Five meetings were held weekly with students in moral harassment situations. In the data analysis

it was possible to identify three distinct categories of moral harassment: vertical downward harassment, horizontal harassment and internalized harassment.

Keywords: Moral harassment; university; evasion; operative group;

Introdução

O assédio moral é uma prática exercida em diferentes instituições e espaços sociais, principalmente no que se refere às questões laborais. Entretanto, somente no final do século passado essa prática foi identificada como fenômeno capaz de prejudicar as relações trabalhistas, o ambiente organizacional e o próprio trabalhador. Heloani (2005) ilustra historicamente esse fenômeno ao lembrar que desde o Brasil colônia índios e negros foram sistematicamente assediados por seus colonizadores, os quais se julgavam superiores.

Atualmente o assédio moral alastrou-se e passou a atingir as mais diferentes classes e profissões. Pode ser definido como uma prática de violência moral no trabalho que acomete os *“trabalhadores a situações vexatórias, constrangedoras e humilhantes durante o exercício de sua função, de forma repetitiva, caracterizando uma atitude desumana, violenta e antiética nas relações de trabalho, assédio este realizado por um ou mais chefes contra seu subordinado”* (Heloani, 2005, p.103).

Por atingir pessoas que ocupam uma posição de subalternidade, muitas vezes sem direito a voz dentro da instituição, dificilmente é denunciado. A vítima, não sabendo como reagir, pode internalizar o estigma e acabar por se achar merecedora de tal rejeição. Além de se culpar pelas agressões sofridas, os alvos do assédio tendem a apresentar quadros de tristeza, angústia e até depressão profunda.

Os estudos sobre o assédio moral focalizam as instituições de trabalho, pouco abordando os estabelecimentos educacionais. Para Paixão *et al.* (2014) as investigações sobre o assédio moral em instituições de ensino apenas começaram a ser realizadas em 1978 por Dan Olweus na obra *Aggression in the Schools*. Entretanto, mesmo sendo de conhecimento geral a grande frequência de práticas de assédio moral no ambiente educacional, ainda hoje são raros os trabalhos que o investigam.

Dentre os estudos no espaço universitário, Ferreira (2013) compreende, que assédio moral engloba todas as *“ações que ameaçam o ambiente de aprendizagem, criando um clima degradante produzido pelo desrespeito ao estudante em forma de ameaça, constrangimento, humilhação, sofrimento, abuso de poder, agressão verbal, entre outras práticas que ferem a*

dignidade do mesmo” (p. 3). Essa definição nos permite pensar como o assédio moral pode ser violento na Universidade. Hirigoyen (citada por Gallindo, 2008, p. 142), elucida que “o meio educativo é um dos mais afetados pelas práticas do assédio moral”. É importante destacar que mesmo os estudantes que não sofrem o assédio moral são afetados, pois todos, direta ou indiretamente, passam a conviver com as tensões e os desgastes oriundos da situação de assédio que transformam o espaço universitário em verdadeiros campos de “tortura” e sofrimento. Para Almeida (2011), o estudante também pode vivenciar a prática do assédio moral no estágio. O estagiário torna-se alvo fácil do assediador, pois não é um empregado da empresa e precisa do dinheiro da bolsa para financiar seus estudos, assim se submete ao assédio ou desiste do estágio.

Sustentamos a hipótese de que os altos índices de evasão na Universidade, decorrentes do abandono e/ou desistência por parte dos estudantes, podem ter relação com as práticas de assédio moral vivenciadas nos espaços acadêmicos. Sabe-se que a violência, a exclusão, as práticas de humilhação, repressão e perseguição tornam o ambiente universitário um local insalubre e antiprodutivo. Consideramos que estas modalidades predatórias de relação prejudicam o rendimento acadêmico do estudante, que muitas vezes chega a abandonar a própria Universidade.

Dessa forma, desde 2015, elaboramos em parceria com a Pró-reitoria de Graduação e a Coordenação de Ações Afirmativas da Universidade Federal de Goiás (UFG), atendimentos psicossociais em grupos a estudantes que sofrem distintos tipos de preconceito, assédio moral e opressão na Universidade. O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da UFG com o nº CAEE 39300714.7.0000.5083. Nestes atendimentos pretendeu-se ouvir, acolher e apreender o sofrimento vivenciado.

Portanto, o objetivo deste artigo é o de conhecer os discursos de estudantes sobre o sofrimento psíquico vivenciado cotidianamente na universidade em situações de assédio moral, para discutir seus efeitos em sua vivência acadêmica.

Para tanto, realizamos uma pesquisa empírica, utilizando a metodologia qualitativa. A coleta de dados foi realizada a partir da observação de sessões de grupos operativos com estudantes vítimas de assédio moral no espaço universitário. Adotamos como referência a teoria e técnica de grupos proposta pelo psicólogo social argentino Enrique Pichon-Rivière (1971/1986) para o trabalho de intervenção psicossocial. A partir do dispositivo de grupo, elaboramos um espaço de escuta, interlocução e análise de demandas de estudantes

insatisfeitos com a Universidade. Para Pichon-Riviére (1971/1986) o grupo operativo é o dispositivo que possibilita a troca de representações e experiências do coletivo, tanto no âmbito cognitivo quanto afetivo. Através da verbalização, ou seja, da fala e também da escuta do que é dito no grupo, é possível que ocorra um processo de reflexão, autoanálise e aprendizagem, levando à transformação afetiva, cognitiva e da realidade. Em nosso dispositivo de investigação pretendeu-se instaurar um espaço em que estudantes pudessem conversar, refletir e analisar sua experiência acadêmica visando a elaboração dos sofrimentos advindos de experiências de assédio moral no ambiente universitário.

O grupo estava aberto para qualquer estudante interessado em participar dos encontros, desde que devidamente matriculado em algum curso de graduação da UFG. Realizamos cinco encontros com um grupo de oito estudantes submetidas a relações de assédio moral. Cada sessão teve a duração de uma hora e meia e sua periodicidade era semanal. Houve uma exposição sobre os motivos e os métodos utilizados na pesquisa e foi entregue a todos os participantes o termo de consentimento livre e esclarecido, Os grupos ocorreram no segundo semestre de 2016.

A análise dos dados se deu sobre os principais emergentes (Pichon-Riviére, 1971/1986) encontrados nas falas dos estudantes que participaram do grupo com a temática do assédio moral no espaço universitário. Dessa forma, a partir da leitura e interpretação do conteúdo das falas transcritas, juntamente com as observações realizadas durante os encontros, realizou-se a análise dos conteúdos dos depoimentos dos sujeitos amparados pelo referencial teórico de Enrique Pichon-Riviére.

Narrativas do assédio moral

Silva (2010) classifica o assédio moral em três formas: vertical descendente, vertical ascendente e horizontal. O assédio vertical descendente é o mais frequente e caracteriza-se por obedecer às relações de poder e autoridade presentes na relação professor – aluno, ou a direção da instituição de ensino-aluno. O segundo, vertical ascendente, acontece quando as relações de poder e autoridade não são obedecidas, manifestando-se no ataque aluno - professor. O assédio moral, horizontal, caracteriza-se por ser praticado por pessoas que ocupam um mesmo nível de poder e autoridade, como é o caso da relação aluno - aluno. Um exemplo da possível ocorrência do assédio horizontal em Universidades se dá na prática do “trote” aos recém-aprovados no processo seletivo (Villaça & Palácios, 2010).

Nos discursos dos estudantes encontramos três categorias distintas de assédio moral vivenciadas pelos estudantes, sendo elas: assédio vertical descendente, assédio horizontal e o que chamamos de assédio internalizado. Não encontramos narrativas sobre assédio moral ascendente e elaboramos um terceiro tipo, não encontrado na literatura, denominado de assédio internalizado. Abaixo, discorremos sobre cada modalidade de assédio encontrada, ilustrando com fragmentos de falas retiradas do grupo.

Assédio Moral Vertical Descendente

O assédio vertical descendente, caracterizado por obedecer às relações de poder presentes na relação entre professor - aluno, foi um conteúdo que pouco emergiu na fala dos participantes. Consideramos que os poucos relatos de situações abusivas entre professores e alunos devem-se à naturalização da relação hierarquizada estabelecida entre estas categorias ao longo da vida dos estudantes, na qual o professor sempre ocupou o lugar de detentor do poder e da autoridade, fazendo com que muitas vezes suas ações abusivas não fossem questionadas.

Nos grupos realizados, foi possível identificar a seguinte fala, que ilustra a ocorrência dessa modalidade de assédio:

Há uns quatro meses, eu pensei seriamente em suicídio, e olha que a minha família é evangélica! Foi bem na época que uma professora falou que eu era uma aluna muito inteligente e esforçada, mas, dadas as minhas condições [ser negra e gorda], eu não conseguiria muita coisa. (Participante A)

A fala citada refere-se à denúncia da estudante em relação à fala da professora, que a estereotipa pelos seus traços raciais e físicos, atribuindo um possível fracasso acadêmico ou profissional. É possível perceber nesse fragmento o peso e a influência que a fala da professora tem na vida desta estudante. A professora atribui à aluna um lugar social estereotipado de “fracasso”, estratificando o papel de condições desfavoráveis para uma estudante negra.

A crença de que não é possível mudar, a impotência diante da vida e do sofrimento pode se relacionar com o que Pichon-Rivière denomina de estereotipia. De acordo com Castanho (2012), quando o movimento é interrompido, surge a estereotipia, que caracteriza o adoecimento, a enfermidade nos grupos, a resistência à mudança e aprendizagem. Sendo

assim, a professora atribui um lugar de fracasso, condicionado a questão racial que estigmatiza e nega as possibilidades de mudança.

O imaginário da professora sobre as características físicas e sobre o futuro da aluna reforça o imaginário da própria aluna, que passa a se ver como incapaz e sem motivos para insistir em uma trajetória que já tem um final insatisfatório anunciado. Tal sofrimento, devido à atribuição negativa da professora, foi tamanho que ela pensou em acabar com a própria vida.

A partir da fala racista e preconceituosa da professora, identificamos uma profecia autorrealizadora, na qual o determinante racial se sobrepõe à real inteligência da aluna. A internalização dos valores e da expectativa negativa enunciada pela professora aparece nesta fala da mesma estudante em outra sessão do grupo:

É tanta coisa, principalmente agora com coisas de racismo que eu comecei a acompanhar e me interessar mais. Eu vou ter que ser o triplo que um branco é. Eu sou preta, gorda, feia, não vejo muita perspectiva de ser bem-sucedida não... É muito improvável, porque vai depender das outras pessoas me aceitarem. (Participante A)

Dessa forma, percebe-se que a aluna não questionou a veracidade do discurso da professora e tampouco o considerou uma forma de violência ou de assédio; ao contrário, o discurso foi aceito e internalizado pela estudante, demonstrando assim a naturalização da relação verticalizada estabelecida entre professores e alunos. Entretanto, consideramos que a fala da professora se constitui como uma modalidade de assédio moral vertical.

Percebe-se, assim, que ao contrário dos enunciados proferidos pela Universidade, o racismo ainda hoje é parte constituinte do cotidiano universitário, afetando o bem-estar e a permanência dos estudantes negros e daqueles que, de alguma forma, não se encaixam em um perfil idealizado.

Assédio Moral Horizontal

O assédio horizontal, caracterizado por ocorrer entre pessoas que ocupam uma mesma categoria social, e por conseguinte uma mesma posição de poder, como na relação aluno-aluno, foi um conteúdo que emergiu com maior frequência na fala dos membros do grupo, como mostra o seguinte fragmento:

Quando entrei na faculdade, eu alisava o cabelo, até que esse ano eu desisti e estou deixando crescer natural e, realmente, depois que eu assumi mesmo, ficou mais perceptível o racismo. Até semana passada, quando estava voltando do Espaço das Profissões, alguns alunos começaram a cantar a música da Sandra de Sá (Sará

Crioulo). Eu fingi que não era comigo, mas sabia que era, porque eu era a única negra. (Participante B)

Constatamos que o racismo não aparece apenas na fala da professora, mas se manifesta também nas relações entre os estudantes. Por razões desconhecidas à Participante B e de forma gratuita, estes estudantes reproduzem o preconceito racial e cantam uma música como forma de exclusão e agressão, colocando o negro num lugar subalternizado. Manifestam assim uma ação predatória e estigmatizadora de assédio horizontal. Mas o assédio e o preconceito não aparecem apenas por questões raciais, como também por questões de gênero:

Nesse período, eu criei um bloqueio mental e não consigo terminar. Eu não quero desistir do curso e trocar por outra coisa. Eu tenho crise de insônia, de ansiedade, muita ansiedade. Eu sento para estudar e não consigo. Talvez tenha alguma pressão social, dos próprios colegas de turma: “Mulher na informática”, repetindo... mas não quero desistir por causa disso. Quero enfrentar o preconceito de colegas por ser mulher na área de computação e por não fazer o curso no tempo que eles estipulam. (Participante C)

A Participante C vivencia o preconceito de gênero de seus colegas de forma tão aversiva, que gerou uma espécie de bloqueio mental, uma paralisia cognitiva, que a impede de estudar e concluir o curso. Sofre o preconceito dos próprios colegas por ser uma mulher num curso no qual o público é predominantemente masculino. A relação com outros estudantes aparece como emergente (Pichon-Rivière, 1971/1986) em vários contextos, não apenas em situações explícitas de assédio. Elas são tão intensas, que muitas vezes o estudante assediado prefere se isolar, como mostra a fala a seguir:

Eu acho que é melhor só do que mal acompanhada. Eu esperava um horário mais tarde no almoço, para poder ir comer [no restaurante universitário] sozinha, para não ter preconceito, para não ouvir comentários das outras pessoas... Tem coisas que não deveriam, mas que me atingem mais do que eu acho que deveria. Prefiro ficar sozinha. (Participante D)

Dessa forma, percebe-se que, devido à relação com colegas e professores, quando permeada de momentos abusivos, a aluna acaba por assumir o lugar atribuído de exclusão, excluindo-se antes que o grupo o faça. Passa a representar a Universidade como um local aversivo, onde os alunos não se sentem livres para participar dos programas e do cotidiano universitário, reforçando, assim, estigmas e preconceitos que podem levar à paralisia da tarefa (neste caso, a formação) e à evasão dos estudantes da Universidade.

Em uma das sessões do grupo, uma estudante se comportou como porta-voz, ao enunciar a seguinte frase:

Eu não acho a Universidade inclusiva, principalmente quando a gente é negra. Principalmente depois que saiu a lista do InterUFG que me assustou muito. Eu vejo olhares assim na Universidade e tento pensar que é coisa da minha cabeça. (Participante X)

O *porta-voz* do grupo é o membro que enuncia o acontecimento grupal, as ansiedades e fantasias (Pichon-Rivière, 1971/1986). Esse discurso, porém, não pode ser considerado apenas pelo viés da história individual, já que ao falar de si, o membro do grupo que assume o papel de porta-voz está enunciando o discurso coletivo, a partir das noções de verticalidade e horizontalidade. As ansiedades e as maneiras de formulá-las dizem respeito à sua história individual, mas o fato de se dar no momento específico do acontecer grupal revela que o conteúdo está presente naquele grupo, e então diz respeito a ansiedades e necessidades do coletivo, e não apenas individuais (Pichon-Rivière, 1971/1986).

Sendo assim, a participante foi porta-voz do grupo ao enunciar o mal-estar em relação a uma lista virtual organizada por estudantes que iriam aos Jogos da Universidade (o InterUFG) eminentemente machista e racista. Sua fala expressa que a Universidade não é verdadeiramente inclusiva, e posteriormente os demais membros do grupo destacaram essa realidade como um fator gerador de sofrimento e de abandono na Universidade. A ausência do sentimento de pertença, advindo das relações de preconceito, da não identificação com os colegas de classe e da relação superficial desenvolvida entre si, desmotiva os estudantes a frequentarem o ambiente universitário, afetando a sua permanência, aprendizado e a própria imagem que carregam de si mesmos. O assédio moral horizontal nas falas dos alunos é gerador de muito sofrimento psíquico.

Assédio Moral Internalizado

Durante a realização dos grupos, emergiu uma nova modalidade de sofrimento do estudante, que não se relaciona diretamente com a concepção clássica de assédio moral, que denominamos aqui de assédio internalizado.

Percebemos que a inatingibilidade das metas e expectativas foi um tema que muito emergiu no discurso dos estudantes, sendo apontado como um dos maiores motivos geradores de sofrimento e ansiedade no ambiente universitário. Ansiedade que também se torna uma das

grandes responsáveis pela não realização da tarefa proposta pela universidade, o aprendizado, criando assim um ciclo vicioso. Pode-se perceber que esse sofrimento estava estritamente relacionado com a ocorrência de cobranças de cunho individual, mas de origem coletiva, como mostram as próximas falas:

A questão da valorização, eu me cobro muito porque eu fico pensando, eu não cozinho direito, não sei costurar, não aprendo matérias práticas da área que eu atuo... Aí eu fico pensando: será que eu não sou boa em nada? Não consigo em nada... Se eu conseguisse ser boa em algo, eu já me sentiria melhor, ou se achasse alguma coisa que eu realmente gostasse... É aquela coisa do dom, né? A pessoa tem que achar o dom, ela gosta daquilo e tem facilidade... E eu não acho nada disso. (Participante X)

Se a gente não for bom, não vamos crescer de verdade... Se não for bom não adianta porque tem outros melhores, com certeza a sociedade quer o seu melhor. (Participante Y)

Nesses fragmentos, é possível perceber a dinâmica internalizada de cobranças e de autculpabilização adotada pelos estudantes. Eles não se veem como bons o suficiente para suprir a demanda e as expectativas sociais. Origina-se, assim, um sentimento de frustração frente a um sucesso aparentemente inalcançável, fato que possibilita o surgimento da vivência de uma dívida que não tem fim. Percebe-se, assim, que não ocorre uma modificação das estruturas estereotipadas, fato que dificulta a mudança e o fim das ansiedades vivenciadas.

A sensação que eu tenho mesmo é que eu preciso fazer mais e mais... Ainda mais na minha área, que você tem que estar sempre atualizado com tudo que está surgindo. Estão sempre surgindo ferramentas novas e eu não consigo acompanhar e fico me sentindo sempre para trás. Fica parecendo que não me esforço o suficiente... Ou não me esforço ou meu esforço não é suficiente... Aí, às vezes, fico com raiva... Mas é isso mesmo que eu sinto, como se eu estivesse devendo muita coisa para mim mesma, porque, querendo ou não, é o meu futuro... Eu tenho que me aprimorar para eu continuar, né? Para, pelo menos, não retroceder. (Participante Z)

A dívida torna-se, assim, elemento constitutivo do estudante na Universidade, uma vez que a busca pela utopia de ser sempre o melhor acaba criando um modelo no qual nunca estamos satisfeitos com o que temos para oferecer e que estamos sempre em dívida conosco e com os outros. Diferente dos outros modos de assédio moral mencionados no trabalho, essa modalidade de assédio não tem a personificação de um agente externo como causa do sofrimento, não é o professor ou outro aluno o elemento agressor. Este fato muitas vezes dificulta o combate e, até mesmo, a resolução desta prática de assédio.

Podemos supor que esta transição de um assédio de um elemento externo para o assédio internalizado segue o mesmo movimento da transição das sociedades disciplinares para as sociedades de controle, proposta pelo filósofo Deleuze (1992). Se nas sociedades disciplinares encontramos o assédio/dominação da Instituição, da disciplina e da norma, ou seja, o assédio presente na relação professor–aluno ou aluno–aluno, na atual sociedade de controle o assédio passa a ser interiorizado e o próprio sujeito passa a ocupar o lugar antes atribuído a um terceiro, em que obedece às normas da hiperprodutividade sem a necessidade de alguém para mandar e vigiar. Hur (2015a) explica essa transição afirmando que hoje:

Temos a substituição do homem confinado, que vivia sob a primazia do código e da norma, para o homem “livre” e endividado, que vive sob a primazia da axiomática do capital. Estimulava-se uma subjetividade normatizada e adaptada e hoje uma subjetividade hiperprodutiva, hipertrofiada e empreendedora, mas que se sente endividada (p. 174).

Essa relação, reforçada pelo capitalismo que prometia a riqueza, a produção e a felicidade, para Han (2012) passa a produzir, na realidade, o esgotamento, a infelicidade e o cansaço frente às incontáveis tentativas de suprir as expectativas e demandas pela perfeição. Assim, para Lazzarato (2013) a dívida torna-se constituinte do sujeito, sendo o elemento paradigmático do capitalismo.

Consideramos que as promessas de realização subjetiva do capitalismo a partir do enriquecimento e do consumo desenfreado não foram exitosas, apenas constituiu este “ideal de felicidade”, inalcançável. Devido à inatingibilidade deste ideal, os indivíduos vivem sob a experiência ontológica de falta, de uma dívida infinita, caindo numa autoculpabilização, na frustração de não terem chegado “lá” (Hur, 2015a, p. 173).

Dessa forma, a partir do exposto, conjecturamos a existência de uma interiorização do diagrama capitalista de rendimento incessante, mas que tem como contraparte os sintomas de sofrimento e desamparo do estudante, resultante de uma dívida constituinte da subjetividade capitalista, que nomeamos aqui de assédio moral internalizado.

Durante a análise das falas dos estudantes, pôde-se identificar três principais manifestações do assédio moral internalizado, sendo elas: assédio do capital, paralisia e a internalização da dívida. Passaremos agora a discorrer sobre cada uma dessas manifestações.

Assédio do capital

De acordo com Guattari (1992), a subjetividade capitalística é uma máquina semiótica que modula, através da lógica do capital, as formas de ser, de simbolizar, de se afetar, de desejar, ou seja, produz uma forma subjetiva. Através das falas dos integrantes do grupo, foi possível constatar a interferência direta da lógica do capital nas escolhas e nos desejos dos participantes:

Se eu não conseguir o mestrado, estou pensando em outro curso, porque professor é tão desvalorizado, eu não quero isso para mim. (Participante W)

A minha mãe era doméstica, numa casa de família de agrônomos. Aí eu tentei [agronomia] porque minha mãe falava que dá dinheiro. Se eu terminar, não sei se vou terminar, é ganhar dinheiro no futuro. Tem que ganhar. Depois desse tempo todo estudando, tem que dar uma vida melhor para a mãe e irmão. Expectativa era ter um futuro brilhante, ter muito dinheiro, e não é isso, né? (Participante W)

Nesta lógica, os desejos dos sujeitos passa a ser dirigidos não mais por questões de afinidades e satisfação com a atividade laboral a ser desenvolvida. Pelo contrário, visam primordialmente o retorno financeiro, colocando, caso necessário, a satisfação individual em segundo plano. A concepção de “ser bem-sucedido” passa a ter um significado restrito ao ganho financeiro, assim como a satisfação com a profissão. A família, imersa na realidade do capital, reproduz essa lógica e cobra dos estudantes o retorno e a ascensão social, como indicam as seguintes falas:

Minha mãe fala que sou muito inteligente e que estou desperdiçando minha inteligência em Letras, que não vou ganhar dinheiro. Na época que eu fiz o Enem, minha média foi 800 e pouco e ela queria que eu passasse num curso “nobre”. (Participante K)

Eu nunca trabalhei na vida, só estudei. Eu sinto essa cobrança porque eu nunca tenho dinheiro, não tenho nada. Então eu tenho que ter um final melhor que eles. Meu irmão estudou e trabalhou no Ensino Médio, eu não. Tem essa cobrança. (Participante L)

Percebe-se, então, que a dívida que esses estudantes carregam tem como uma de suas causas a questão financeira. A cobrança externa advinda do capitalismo e manifesta pela família e por outras instituições foi absorvida e incorporada pelos estudantes, influenciando os modos de subjetivação a partir da lógica capitalista, modulando assim suas prioridades e desejos.

Paralisia: esgotamento como sintoma do diagrama do rendimento

Outra expressão do assédio internalizado identificada como emergente na fala dos estudantes relaciona-se com o sintoma da paralisia e do esgotamento vivenciado por eles na Universidade, devido à incessante tentativa de alcançar um ideal que sabemos ser inatingível.

Os sintomas vivenciados estão relacionados com a lógica do hiper-rendimento, à modulação e ao controle da vida social a partir da máxima eficácia, da quantidade, e de uma hipertrofia incessante (Hur, 2015a). Essa lógica refere-se ao diagrama do rendimento discutido por Deleuze¹ e que faz parte de sua análise sobre a sociedade e as instituições. Nesse sentido, a lógica do rendimento, que se constitui no capitalismo, cria um nível de produtividade que é impossível de ser alcançado, provocando o endividamento constante dos indivíduos e a sensação de fracasso.

Essa dívida atinge a sociedade como um todo. No âmbito universitário, é perceptível nas falas supracitadas dos estudantes. A universidade, marcada pelas relações de competitividade, pelo alto nível de exigência e produtividade, com cargas horárias excessivas, etc. provoca uma sensação de endividamento e culpa em todos aqueles que vivem e experienciam a instituição.

Dessa forma, ao invés de atingirmos uma sociedade do máximo rendimento, como prometido com o advento do capitalismo, produzimos uma sociedade do cansaço (Han, 2012), onde nossos esforços nunca são o suficiente para suprir a distância entre o real e o ideal, fato que resulta em uma subjetividade permeada de culpa, cansaço e esgotamento, como mostra a seguinte fala:

Eu sinto como se fosse um desgaste muito grande para conseguir sair do lugar, é muito cansativo, é como se fosse nadar e morrer na praia, é assim que eu me sinto com grande parte das coisas. Eu me esforço e parece que não me esforço [o] suficiente e eu fico bem chateada (...). Eu me sinto fisicamente e mentalmente cansada. Eu continuo tentando, mas tenho momentos de pausa, as pessoas vêm como desistir, mas eu vejo como uma pausa... Eu paro um pouco e depois volto. E fico nesse ciclo que não acaba nunca. (Participante T)

Para Hur (2015b) no diagrama capitalista o indivíduo sempre estará em dívida e fadado à frustração. Se não alcança o ideal, sente como se a culpa fosse apenas sua. Dessa forma, o mal-estar proveniente do ideal da hiperprodutividade na Universidade pode trazer

1 Deleuze (1992) enuncia sobre o diagrama de controle, o que Hur (2015a) prefere denominar como diagrama de rendimento, devido ao fato de que a configuração de forças atuais está relacionada muito mais à máxima eficácia, em vez de controle das populações.

uma grande despotencialização ao sujeito, culminando no seu esgotamento. Este pode estar manifesto através da paralisia, a qual aparece em várias falas, tais como:

Não consigo entender porque a ansiedade vira ataques de pânico. Essa semana mesmo caiu a ficha das provas finais. Eu fiquei desesperada, louca, aí travei. Tentei resolver a lista, que a gente acaba estudando, mas não foi suficiente, ficou faltando muita coisa para estudar e não vai dar tempo. Quando eu fico desesperada, eu travo. Fico olhando lá o papel e nada. É como se eu tivesse caminhando numa esteira, sempre no mesmo lugar. Cada semestre é um método de estudo novo que eu aplico, eu não sei o que preciso fazer. (Participante P)

Minha semana foi horrível porque caiu a ficha que eu tenho as duas provas finais para fazer. Eu comecei a entrar em pânico. Fiquei nervosa e ansiosa e não consegui fazer nada. (Participante Q)

Pode-se perceber que a ansiedade frente a algum evento específico, como provas e trabalhos, desencadeia um processo de paralisia (Pichon-Rivière, 1971/1986), onde a pressão e as expectativas fazem com que os estudantes não consigam ter um bom desempenho nas atividades.

Estou com dificuldade de memorização. Eu estudo, estudo... Até mesmo um simples texto, hoje eu leio, amanhã as ideias ficam tudo embaralhadas. Sou muito ansiosa e isso acaba atrapalhando meu desempenho. (Participante N)

Eu tento correr atrás, tento fazer, aí eu não consigo e entro em pânico, começo a chorar e entro em crises compulsivas de choro. Aí não quero sair de casa, falar com ninguém...(Participante R)

Essa paralisia leva os estudantes a questionarem sua capacidade de executar as atividades necessárias para sua formação e, conseqüentemente, questionarem a sua permanência na Universidade. A paralisia, proveniente do esgotamento como sintoma do diagrama do rendimento, pode explicar o movimento repetitivo de reprovações e desistências por parte desses estudantes.

Internalização da dívida: Responsabilização e culpa

Esse termo se caracteriza pela constante sensação de endividamento dos estudantes, os quais, mesmo realizando suas atividades e cumprindo seus compromissos estudantis, possuem a sensação de que não fazem o suficiente, que é sempre muito pouco, e assim não atingem um padrão, um nível de produtividade idealizado, intensificando o fracasso e o sofrimento.

Percebe-se pelo discurso dos estudantes que a internalização dessa dívida muitas vezes se manifesta através de sentimentos de responsabilização e culpa individual frente a alguma dificuldade ou fracasso vivenciado.

Por estarem em ambiente universitário, e pelo fato dos encontros do grupo terem acontecido no final do semestre, quando a tensão com as provas finais e a preocupação com a aprovação estão mais presentes no cotidiano dos participantes, a dívida muitas vezes foi apresentada de forma interligada com as questões acadêmicas, como reprovações em disciplinas e a dificuldade de aprendizado. Os próximos fragmentos ilustram o sentimento de responsabilização e culpa dos estudantes frente aos desafios encontrados no ambiente universitário:

Eu já culpei meus pais, a escola, Deus, agora só culpo eu. Quando fico mais para baixo mesmo, quando tenho os ataques de depressão, quando me sinto burra e falo que não consigo. Agora eu vejo que eu preciso dar conta sozinha porque ninguém dá conta por mim. Devagar eu vou tentando... Mas já fiquei revoltada. É difícil aceitar que a culpa é nossa, a gente sempre quer ter alguém que foi responsável. Todo tipo de coisa ruim que a gente sofre a gente fica querendo uma justificativa. Agora eu aceitei. (Participante F)

Eu sinto que eu sou culpada... Gente, não é possível... Não tem outra culpada. Eu não sou de matar aula, a professora tenta dar o seu melhor... Acho que é culpa da gente... O professor dá aula todo dia, a mesma aula, não é possível... Ah, sei lá, é a gente que não aprende mesmo...(Participante E)

Eu tenho mais dificuldade que as outras pessoas, eu preciso de mais esforço. Depois de fazer tantas vezes eu percebo que para mim é muito mais difícil que para as outras pessoas. Eu preciso estudar, estudar, de mais tempo. É uma dificuldade minha. (Participante V)

Constata-se assim que quando os estudantes possuem um baixo rendimento, a autoculpabilização é ainda maior. Este sofrimento que notamos nos grupos operativos diz respeito à internalização das normas de produção e rendimento que, ao não serem cumpridas, são vistas como responsabilidade e culpa apenas do indivíduo. Na fala das estudantes, podemos perceber a angústia que isso promove.

A visão individual e o sentimento de culpa que esses estudantes carregam acabam impedindo que a situação de dificuldade vivenciada seja compartilhada, tanto com colegas quanto com professores ou outros profissionais, reduzindo as possibilidades de encontrar soluções e aumentando o desamparo e o sofrimento dos alunos.

Por se tratar de uma modalidade de assédio internalizada que muitas vezes não é reconhecida ou identificada como fonte de sofrimento e por introduzir o sentimento de dívida individual que não tem um fim conhecido, consideramos que essa manifestação é a pior e a mais violenta das expressões conhecidas de assédio moral.

Conclusão

Partimos do pressuposto de que os altos índices de evasão nas Universidades, decorrentes do abandono e/ou desistência por parte dos estudantes, apresentam fortes relações com as práticas de assédio moral vivenciadas no ambiente acadêmico. Nas sessões dos grupos operativos foi possível perceber que muitos participantes já pensaram em abandonar a Universidade devido às formas de assédio sofridas. A Universidade apresenta-se assim como um local que merece maior autoanálise e cuidados, visto as formas de assédio moral que se desenrolam aí. As práticas clássicas de assédio moral, a vertical descendente, do professor sobre o aluno, pouco emergiram nos grupos. Mas mesmo assim o fragmento narrado foi de tal magnitude, que a aluna pensou em se suicidar depois da fala de sua professora. O assédio horizontal, de aluno sobre aluno, também traz marcas bastante dolorosas, envolvendo práticas de preconceito racial e de gênero, que leva os estudantes verem a Universidade como ambiente hostil e muitas vezes preferirem o isolamento, do que a convivência com os agressores.

Constatamos que a principal forma de assédio vivenciada pelos estudantes não dizia respeito apenas às formas clássicas apresentadas, mas sim a uma nova modalidade de assédio onde o sujeito ocupa, ao mesmo tempo, o lugar de assediador e assediado. Dessa forma, propomos uma nova forma de assédio moral que diz respeito ao assédio internalizado. Chamamos de assédio internalizado a utopia de sempre querer produzir mais, incessantemente. Por não conseguirmos atingir as metas e as expectativas apresentadas, fato que origina um sentimento de frustração frente a um sucesso inalcançável, criamos um modelo de subjetividade onde estamos fadados sempre ao esgotamento e à dívida infinita.

Nos grupos analisados, constatou-se que esse sentimento de dívida e frustração gerou uma ansiedade paralisante nos estudantes que não conseguem modificar a posição que ocupam e, conseqüentemente, não realizam a tarefa proposta, a aprendizagem. O fracasso iminente desestimula os estudantes, que muitas vezes acabam desistindo e entrando em um ciclo vicioso de tentativa e falhas.

Espera-se que o processo tenha incitado e fortalecidos os estudantes, pois o grupo é também um espaço de construção de segurança e acolhimento necessários para que o medo e o desconhecimento não se coloquem como entraves do processo. Espera-se, também, que os dados obtidos em nossa intervenção possam servir de subsídio a outras pesquisas e debates na área, contribuindo para a reflexão sobre as políticas de inclusão na Universidade brasileira.

Por apresentarmos uma nova proposição de assédio, sugere-se que os estudos sobre a temática do assédio moral em espaços universitários sejam aprofundados, levando em consideração essa nova modalidade, buscando caracterizar melhor suas causas e consequências, assim como sua manifestação neste e em outros contextos, uma vez que o esgotamento, a culpa e a dívida, por se fundirem à subjetividade do estudante, transcendem as fronteiras da Universidade e se manifestam em todos os espaços.

Referências

- Almeida, Daniel B. E. de. (2011). *Assédio moral contra o estagiário: Entre a sujeição e o aprendizado* (dissertação de Mestrado). Recuperado de <http://rei.biblioteca.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/510/1/DBEA17092012.pdf>
- Castanho, Pablo de C. G. (2012). Uma introdução aos grupos operativos: teoria e técnica. *Vínculo-Revista do NESME*, 9(1), 1-60.
- Deleuze, Gilles (1992). *Conversações*. São Paulo: Ed. 34.
- Ferreira, Ruth V. L. (2013). *O sofrimento vivenciado no espaço universitário: O assédio moral e seus efeitos na vida do estudante*. Recuperado de http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT26/GT26_VasconcelosLopesFerreira.pdf
- Gallindo, Lidia P. (2008). *Assédio moral nas instituições de ensino: Bullying*. *Revista Partes*. Recuperado de <http://www.partes.com.br/assediomoral/assedionasinstituicoesdeensino.pdf>
- Guattari, Félix (1992). *Caosmose*. São Paulo: Ed. 34.
- Han, Byung-Chul. (2012). *La sociedad del cansancio*. Barcelona: Herder Editorial.
- Heloani, Roberto. (2005). Assédio moral: A dignidade violada. *Aletheia*, 22, 101-108. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942005000200010&lng=pt&tlng=pt.

- Hur, Domenico U. (2015a). Axiomática do capital e instituições: Abstratas, concretas e imateriais. *Revista Polis e Psique*, 5(3), 156-178. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpps/v5n3/n5a10.pdf>
- Hur, Domenico U. (2015b). Corpocapital: Códigos, axiomática e corpos dissidentes. *Revista Lugar Comum*, 2(45), 232-245. Recuperado de http://uninomade.net/wp-content/files_mf/145097712500Corpocapital:%20c%C3%B3digos,%20axiom%C3%A1tica%20e%20corpos%20dissidentes%20-%20Domenico%20Uhg%20Hur.pdf
- Lazzarato, Maurizio (2013). *La fábrica del hombre endeudado: ensayo sobre la condición neoliberal*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Paixão, Roberto B., Melo, Daniel R. A., Souza-Silva, Jader C., & Nérís, Jorge S. (2014). O constructo assédio moral na relação aluno-professor na perspectiva de professores universitários. *REGE*, 21(3), 415-432. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/rege/article/view/99946>
- Pichon-Rivière, Enrique. (1971/1986). *O Processo Grupal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Silva, Fernanda. B. *Assédio Moral*. 2010. 37f. Monografia. Pós-Graduação em Gestão de Recursos Humanos, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2010.
- Villaça, Fabiana Mello, & Palácios, Marisa. (2010). Concepções sobre assédio moral: Bullying e trote em uma escola médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 34(4), 506-514. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v34n4/v34n4a05.pdf>